



CASSIA RESENDE SANTOS

**O ENSINO DE LÍNGUA PORTUGUESA SOB A
PERSPECTIVA DAS PRÁTICAS DA ANÁLISE
LINGUÍSTICA**

**LAVRAS-MG
2019**

CASSIA RESENDE SANTOS

**O ENSINO DE LÍNGUA PORTUGUESA SOB A PERSPECTIVA DAS
PRÁTICAS DA ANÁLISE**

Artigo apresentado à Universidade Federal de Lavras, como parte das exigências do curso de Letras Português/Inglês, para a obtenção do título de Licenciado.

Prof(a). Dr(a). Mauriceia Silva de Paula Vieira
Orientador(a)

**LAVRAS-MG
2019**

CASSIA RESENDE SANTOS

**O ENSINO DE LÍNGUA PORTUGUESA SOB A PERSPECTIVA DAS
PRÁTICAS DA ANÁLISE LINGUÍSTICA**

**PORTUGUESE LANGUAGE TEACHING UNDER THE PERSPECTIVE OF
LANGUAGE ANALYSIS PRACTICES**

Artigo apresentado à Universidade Federal de Lavras, como parte das exigências do curso de Letras Português/Inglês, para a obtenção do título de Licenciado.

APROVADO EM ____ DE DEZEMBRO DE 2019.

Prof(a). _____

Prof(a). _____

Orientadora
Prof.^a Dra. Mauriceia Silva de Paula Vieira

**LAVRAS-MG
2019**

AGRADECIMENTOS

Agradeço, neste primeiro momento, a Deus pela graça da vida e pela constante proteção. Aos meus pais, Artur e Maria Leone, que desde sempre ofereceram-me amor, apoio e ensinamentos incondicionais, tenho por vocês dois uma infinita gratidão. Ao meu irmão Artur, o meu eterno carinho, admiração e amizade! À vocês três, muito obrigada por absolutamente tudo que vivemos juntos! À madrinha Vanda, por todo zelo e exemplo! À minha amada família por toda a alegria e união! Vocês são um grande exemplo de fraternidade! A todos os professores, do maternal à universidade, que fizeram parte da minha constituição enquanto sujeito em constante formação. De modo singular, à amável mulher que me orientou, professora Mauriceia, que em muitos momentos me acolheu e me apresentou o ensino para além da sala de aula! Obrigada por tudo que compartilhamos e construímos juntas! À Universidade Federal de Lavras, pela estrutura e pela qualidade de ensino a mim oferecidos. Aos meus queridos colegas e amigos da turma 2015/1, de modo especial, a Day, Paula e Luana, os meus honestos agradecimentos por todo o aprendizado que edificamos! Sinto um grande orgulho dessa turma! Enfim, obrigada a todas as pessoas que contribuíram para que esta etapa em minha vida fosse concluída.

*Para conhecer as coisas, há que dar-lhes a volta,
dar-lhes a volta toda.*

José Saramago.

O ENSINO DE LÍNGUA PORTUGUESA SOB A PERSPECTIVA DAS PRÁTICAS DA ANÁLISE LINGUÍSTICA

Resumo: O presente trabalho elege como tema a análise linguística no ensino de língua portuguesa. No qual o objetivo é refletir sobre o ensino de língua portuguesa ancorado nas práticas linguísticas articulada à leitura e à produção textual. Para isso, busca situar a análise linguística em relação às práticas de leitura e produção textual. Entende-se por análise linguística uma prática reflexiva no ensino de língua portuguesa, que objetiva desenvolver os conhecimentos linguísticos e suas respectivas práticas discursivas e o uso e adequação dos elementos linguísticos no contexto social do aluno. O quadro teórico foi embasado em autores como Geraldi (1997), Antunes (2010), Mendonça (2006), Amaral (2010) entre outros. Para ilustrar e complementar a discussão teórica, foram analisados dois livros didáticos destinados ao 8º ano do ensino fundamental. A justificativa deste trabalho é ancorada na necessidade de enfatizar as práticas de análise linguística no ensino de língua portuguesa, de modo mais específico, no campo da gramática, haja visto que essa área carece de ação de práticas e conhecimentos metodológicos que propõem o ensino reflexivo e contextualizado da língua. Os resultados indicam que o trabalho com a análise linguística é ainda incipiente, mas já se faz presente em atividades pautadas em gêneros textuais que circulam socialmente. Indicam, ainda, que ao lado de atividades que exploram a reflexão do aprendiz sobre os conhecimentos linguísticos, há a presença de atividades cujo foco é a reflexão metalinguística, amparadas em uma perspectiva da gramática normativa tradicional.

Palavras – chave: Análise linguística. Livro didático. Ensino de Língua Portuguesa.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	8
2. ENSINO DA LÍNGUA: O QUE DIZEM OS DOCUMENTOS OFICIAIS	9
2.1. Parâmetros Curriculares Nacionais	9
2.2. Base Nacional Comum Curricular	10
3. A ANÁLISE LINGUÍSTICA E A COMPETÊNCIA COMUNICATIVA	13
4. METODOLOGIA	17
5. ANÁLISE DE LIVROS DIDÁTICOS	18
6. CONSIDERAÇÕES FINAIS	25
7. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	26

1. INTRODUÇÃO

Ensinar¹, no significado da palavra, ministrar conhecimento/lecionar/instruir. Ao refletir sobre isso, é possível pensar no ensino como algo que realiza ação, de modo mais específico, na Educação, há professores e alunos, assim como há alunos e professores. A alternância na ordem das palavras representa o processo de aprendizagem, no qual é expresso pela interação de ambos ao assumirem os seus papéis, conforme o momento solicita. Assim, o aluno pode ser um professor, bem como o professor pode ser um aluno, pois o ato de ensinar propõem trocas do saber.

Assim, este trabalho apresenta uma reflexão sobre a forma de ensinar como a gramática é abordada no ensino de Língua Portuguesa, e como a análise linguística pode auxiliar esse caminho. Para isso, é importante ressaltar que, no Brasil, o ensino fundamental e médio é guiado pelos documentos oficiais, o PCN-LP e a BNCC, que contêm um direcionamento para as habilidades e competências linguísticas discursivas que devem ser desenvolvidas com os alunos, objetivando formar aprendizes autocríticos com capacidade de análise comunicativa.

Além dos documentos oficiais, o ensino conta com o Livro Didático, que teve reforço teórico em 1985, com a criação do programa nacional do livro didático (PNLD), esse material é fornecido pelo governo federal de modo gratuito para os alunos. Os exemplares didáticos são constituídos por diversos gêneros textuais, seções de exercícios e etc. Neste trabalho, a metodologia baseia-se na análise de dois exemplares do livro didático do ensino fundamental, com a intenção de ilustrar como as questões gramaticais são abordadas no exemplar, paralelo a essa questão, é discutido as formas do ensino gramatical e a divisão dos conteúdos gramaticais abordados em sala de aula, e as reflexões são direcionadas a partir do uso das práticas da análise linguística, que apresenta o ensino de gramática contextualizado. Este trabalho se justifica pela necessidade de enfatizar as práticas de análise linguística no ensino de língua portuguesa, de modo mais específico, no campo da gramática, haja visto que essa área carece de ação de práticas e conhecimentos metodológicos que propõem o ensino reflexivo e contextualizado da língua, e tem como objetivo refletir sobre o ensino de

¹ Conceito advindo do dicionário Aurélio.

língua portuguesa ancorado nas práticas linguísticas articulada à leitura e à produção textual

2. ENSINO DA LÍNGUA: O QUE DIZEM OS DOCUMENTOS OFICIAIS

2.1. Parâmetros Curriculares Nacionais

Os Parâmetros Curriculares Nacionais foram criados com o objetivo de guiar e de apresentar propostas que visam a qualidade do ensino/aprendizagem. No âmbito de língua portuguesa, os PCN-LP foram formulados por profissionais e especialistas da área de educação, como os estudiosos da língua, da linguagem e do seu respectivo uso. Assim, o documento propõe uma reflexão sobre a prática pedagógica no ensino de Língua Portuguesa, bem como, o planejamento acerca das práticas de ensino da língua e das variáveis linguísticas.

Dessa forma, de acordo com os Parâmetros Curriculares Nacionais, “a língua portuguesa é produto de linguagem” (BRASIL, 2000, p. 20). Nesse sentido, o aprendizado da leitura e da produção escrita constitui-se como prática de linguagem e requer uma reflexão sobre língua. Essa reflexão corresponde a análise linguística que se configura como epilinguística e metalinguística.²

O trabalho com a reflexão linguística precisa garantir ao aprendiz a qualidade no uso da língua/linguagem, portanto, não se configura como no ensino de gramática, que ocorre de forma descontextualizada e prioriza a memorização de regras e estruturas sintáticas. Para isso é relevante considerar que as atividades de análise linguística estejam embasadas em dois fatores, conforme postulam os documentos oficiais: O primeiro, refere-se “a capacidade humana de refletir, analisar, pensar sobre os fatos e os fenômenos da linguagem” (BRASIL, 2000, p.53); e o segundo relaciona-se à “propriedade que a linguagem tem de poder referir-se a si mesma, de falar sobre a própria linguagem” (BRASIL, 2000, p 53).

A partir disso, torna-se indispensável o papel da escola na formação e constituição do aluno, visto que é nessa instituição que o aprendiz se depara com as questões sobre a língua/ linguagem e os seus respectivos usos, conforme está expresso no documento oficial.

² De acordo com os PCNs, “nas atividades epilinguísticas a reflexão está voltada para o uso, no próprio interior da atividade linguística em que se realiza” (1998, p.30). Por sua vez, “as atividades metalinguísticas estão relacionadas a um tipo de análise voltada para a descrição, por meio da categorização e sistematização dos elementos linguísticos (1998, p.30).

[]...as práticas de linguagem que ocorrem no espaço escolar diferem das demais porque devem, necessariamente, tomar as dimensões discursiva e pragmática da linguagem como objeto de reflexão, de maneira explícita e organizada, de modo a construir, progressivamente, categorias explicativas de seu funcionamento. Ainda que a reflexão seja constitutiva da atividade discursiva, no espaço escolar reveste-se de maior importância, pois é na prática de reflexão sobre a língua e a linguagem que pode se dar a construção de instrumentos que permitirão ao sujeito o desenvolvimento da competência discursiva para falar, escutar, ler e escrever nas diversas situações de interação. (BRASIL, 2017, p.34)

Assim, ao realizar a intimidade com a língua/ linguagem, o aprendiz busca a experiência do uso dos recursos linguísticos, e partir disso, ele escolhe aqueles que estão de acordo com suas intenções comunicativas. Esse processo deve buscar o diálogo entre o saber do aluno e as atividades abordadas em sala, e essas devem propor as práticas de leitura e escrita, pois, é através disso que o aluno atribui sentido as palavras que compõem o seu universo cultural, e por dessas atividades ele realiza inferências sobre as informações presentes nos textos atuando como leitor crítico, que faz a sua própria análise.

2.2. Base Nacional Comum Curricular

Assim como os parâmetros nacionais, porém acrescida de mais detalhes sobre o processo de ensino e aprendizagem, a Base Nacional Comum Curricular (BNCC)³, constitui-se como um compilado de informações, que visa orientar os profissionais da educação com ferramentas que buscam desenvolver as habilidades cognitivas dos alunos. Conforme imprime a citação abaixo, de modo mais específico, na área de Língua Portuguesa.

O ensino está pautado nas práticas de linguagem, oralidade, leitura/escuta, produção (escrita e multissemiótica) e análise linguística/semiótica (que envolve conhecimentos linguísticos – sobre o sistema de escrita, o sistema da língua e a norma-padrão –, textuais, discursivos e sobre os modos de organização e os elementos de outras semioses”) (BRASIL, 2017, p.71).

Assim, compreende-se que o trabalho desenvolvido com os alunos não deve restringir-se ao significado da palavra e do signo, mas sim considerar a abrangência do

³ Trata-se de documento elaborado para nortear o ensino e a aprendizagem, bem como desenvolver habilidades dos alunos.

contexto em que esses elementos linguísticos estão inseridos e, na sequência, explorar a interpretação e a compreensão desses elementos, sejam palavras, enunciados, parágrafos, textos verbais que se articulam a elementos não verbais, como imagem, símbolos, desenhos, entre outros.

Quanto à linguagem verbal, oral e escrita, “as formas de composição dos textos dizem respeito à coesão, coerência e organização da progressão temática dos textos, influenciadas pela organização típica (forma de composição) do gênero em questão”. (BNCC, p. 80). Ou seja, há uma construção de pensamento pautada na escolha dos elementos linguísticos que se estruturam conforme os gêneros textuais, formas escritas ou orais “bastante estáveis, histórica e socialmente situadas” (MARCUSCHI, 2008, p.155). A BNCC amplia noções presentes no PCN e coloca em discussão a análise de textos que articulam diversas semioses, ou multissemióticos, e aponta que:

A análise levará em conta as formas de composição e estilo de cada uma das linguagens que os integram, tais como plano/ângulo/lado, figura/fundo, profundidade e foco, cor e intensidade nas imagens visuais estáticas, crescendo, nas imagens dinâmicas e performances, as características de montagem, ritmo, tipo de movimento, duração, distribuição no espaço, sincronização com outras linguagens, complementaridade e interferência etc. (BRASIL, 2017, p.81)

A partir disso, os textos multissemióticos têm, por excelência, movimentos que são representados por cor, som e imagem variados que ao serem construídos em harmonia, representam uma linguagem dinâmica, na qual a interpretação do aluno segue uma linha de pensamento pautada nos processos metacognitivos. Ou seja, há um processamento de informações que se somam durante o momento de interação.

Outro aspecto a ser observado quando se analisa os recursos linguísticos/semióticos, diz respeito à variação linguística, uma vez que a língua está articulada às diversas esferas sociais e que representa a pluralidade linguística do país. Segundo a BNCC, essas variedades linguísticas devem ser “objeto de reflexão e o valor social atribuído às variedades de prestígio e às variedades estigmatizadas, que está relacionado a preconceitos sociais, deve ser tematizado” (BRASIL, 2017, p. 81).

Quanto ao uso da língua, é importante salientar que ele se apresenta em diversos fatores que compõem a cultura da própria língua. Entre eles o regionalismo, no qual é expressado as variações no modo de falar e também o uso de palavras específicas de determinada região. Há também os fatores profissionais no qual observa-se o uso de linguagem técnica e formal. Ressalta-se que, em virtude da diversidade linguística da Língua Portuguesa, faz se necessário compreender o contexto em que a língua é

utilizada, e partir disso realizar as escolhas lexicais e os demais recursos semiótico/discursivos que se adequam a situação desejada. Somado aos processos de atividades propostos pela BNCC, no quais foram descritos acima, o documento também propõem que as atividades relacionadas ao estudo da gramática possibilite ao aluno:

Conhecer as classes de palavras abertas (substantivos, verbos, adjetivos e advérbios) e fechadas (artigos, numerais, preposições, conjunções, pronomes) e analisar suas funções sintático-semânticas nas orações e seu funcionamento (concordância, regência). Perceber o funcionamento das flexões (número, gênero, tempo, pessoa etc.) de classes gramaticais em orações (concordância). Correlacionar as classes de palavras com as funções sintáticas (sujeito, predicado, objeto, modificador etc.). (BRASIL, 2017, p.83).

Com relação aos estudos gramaticais, é importante que aluno tenha conhecimento e compreensão do uso das classes de palavras e gramaticais, para que assim, ele possa realizar as escolhas adequadas em situações cotidianas, sejam essas em produções textuais em sala de aula, uma conversa informal com o amigo, e etc. Dessa forma, a BNCC articula-se com as diversas áreas do ensino de Língua Portuguesa, assim, é necessário salientar que os documentos aqui trazidos propõem que haja no ensino da Língua Portuguesa uma articulação entre as práticas de leitura, de escrita e de análise sobre a língua uma vez que

essas práticas se interpenetram e se retroalimentam (quando se lê algo no processo de produção de um texto ou quando alguém relê o próprio texto; quando, em uma apresentação oral, conta-se com apoio de slides que trazem imagens e texto escrito; em um programa de rádio, que embora seja veiculado oralmente, parte-se de um roteiro escrito; quando roteirizamos um *podcast*; ou quando, na leitura de um texto, pensa-se que a escolha daquele termo não foi gratuita; ou, ainda, na escrita de um texto, passa-se do uso da 1ª pessoa do plural para a 3ª pessoa, após se pensar que isso poderá ajudar a conferir maior objetividade ao texto). (BRASIL, 2017, p. 82)

Assim, o ensino da Língua Portuguesa precisa articular leitura, escrita e análise linguística/semiótica, considerando-se os usos sociais da língua, os recursos utilizados, a intenção comunicativa do falante, as condições pragmáticas e contextuais desse uso, para que o aluno saiba adequar a linguagem conforme a intenção por ele desejada e exigida devido as esferas sociais em que se comunica/interage. Para articular a autonomia analítica do aluno nos processos que se referem, respectivamente, a Língua e o uso, será discutido na seção seguinte sobre a análise linguística.

3. A ANÁLISE LINGUÍSTICA E A COMPETÊNCIA COMUNICATIVA

Uma das possibilidades para desenvolver as práticas de análise linguística no ensino de Língua Portuguesa é o uso da Competência Comunicativa, que visa a interação do aluno com os conteúdos linguísticos trabalhados em sala de aula de modo interacional com o contexto social do aluno,

segundo o qual o falante-ouvinte, para ser competente em sua língua, precisa não apenas ter conhecimento das regras gramaticais, mas também a habilidade de usar essas regras, adequando-as às situações sociais em que se encontra no momento em que se usa a língua” (OLIVEIRA, 2010, p.35).

Ou seja, para que o falante desempenhe clareza na comunicação, é preciso que ele construa o conhecimento sobre o uso dos elementos linguísticos e das regras, para posteriormente adequá-los a determinadas situações comunicativas. A respeito dessas questões sob a perspectiva do ensino de gramática, Mendonça afirma que se deve possibilitar “a reflexão consciente sobre fenômenos gramaticais e textual-discursivos que perpassem os usos linguísticos” (2006, p.204). Ou seja, ao desenvolver o estudo de gramática no contexto escolar, a proposta tem de ser embasada nas práticas de uso e interação social do aluno. Para que a proposta de perspectiva reflexiva no ensino de gramática se efetive, é importante que seja desenvolvido a prática de análise linguística, conforme está descrito a seguir.

A análise linguística, como os próprios termos das palavras propõem, é um detalhamento da ciência que estuda a língua, a linguagem e seus aspectos sintáticos, morfológicos, semânticos, estruturais e etc., “que surgiu para denominar uma nova perspectiva de reflexão sobre o sistema linguístico e sobre os usos da língua, com vistas ao tratamento escolar de fenômenos gramaticais, textuais e discursivos (MENDONÇA, 2007, p.205). No ensino, a Análise Linguística foi introduzida por J. W. Geraldi, com o objetivo de alertar as direções na qual o ensino de Língua Portuguesa vem seguindo, assim o estudioso afirma que:

[...] a prática de análise linguística não poderá limitar-se à higienização do texto do aluno em seus aspectos gramaticais e ortográficos, limitando-se a “correções”. Trata-se de trabalhar com o aluno o seu texto para que ele atinja seus objetivos junto aos leitores que se destina (GERALDI, 1997, p.74)

A partir da citação acima, compreende-se que a análise linguística tem um papel reflexivo fundamental nas atividades que compõem o Ensino de Língua Portuguesa. Haja visto que é através das práticas de AL que se pode estudar o comportamento e o uso da língua enquanto uma estrutura maior (sistema), com base nas unidades linguísticas. Ou seja, ao trabalhar, por exemplo, um conteúdo gramatical com o aluno, esse não deve ser desenvolvido de modo isolado dentro do texto, mas sim com amplitude, na qual almeja-se a construção de sentido das palavras em um determinado contexto para efetivar a clareza comunicativa.

A análise linguística, conforme está dito acima, surgiu devido à necessidade de criar uma perspectiva reflexiva para complementar as práticas no ensino de Língua Portuguesa, principalmente o ensino direcionado para a gramática, que se configura em três subdivisões de acordo com (TRAVAGLIA, 1996):

- a) Prescritivo - visa levar o aluno a substituir seus padrões de atividade linguística considerados errados/inaceitáveis por outros tidos como corretos/aceitáveis. Ou seja, valoriza-se apenas a norma padrão e despreza-se as variedades linguísticas presente no cotidiano do aluno
- b) Descritivo - objetiva mostrar a estrutura e o funcionamento de uma língua, sua forma e função e concretiza-se no ensino de gramática descritiva, com a sua própria metalinguagem.
- c) Produtivo - procura desenvolver as habilidades linguísticas. Aumenta o conhecimento do aluno sobre os usos dos recursos da sua língua, haja visto que trabalha com os conhecimentos linguísticos que o aluno possui, inclusive a norma culta e a modalidade escrita.

Diante das três subdivisões acima, nota-se que o ensino de gramática da Língua Portuguesa se configura de modo preferencial pela gramática tradicional, conforme salienta Possenti (1999), na seguinte reflexão sobre o Ensino de gramática:

Falar contra a “gramatiquice” não significa propor que a escola só seja “prática”, não reflita sobre questões de língua. Seria contraditório propor esta atitude, principalmente porque se sabe que refletir sobre a língua é uma das atividades usuais dos falantes e não há razão para reprimi-la na escola. Trata-se apenas de reorganizar a discussão, de alterar prioridades (discutir os preconceitos é certamente mais importante do que fazer análise sintática - eu disse mais importante, o que significa que a análise sintática é importante, mas é menos ...) (POSSENTI, 1999, p.55-56).

Este fato se torna nítido quando evidenciam-se as formas nas quais a gramática é trabalhada dentro da sala de aula, mantendo-se o domínio da gramática mecanizada, ou seja, sem o apontamento de questões linguísticas - discursivas reflexivas. Assim, conforme Travaglia (1996), existem quatro formas para desenvolver o estudo de gramática e essas são:

- a) Gramática teórica – utiliza-se nomenclatura própria da gramática descritiva. Ensinam-se classificações de elementos linguísticos e suas regras de funcionamento. O texto é usado, normalmente, apenas como “pretexto” para se extraírem dele os elementos analisados.
- b) Gramática normativa - valoriza-se a norma culta escrita em detrimento das demais variedades da língua. Os fatos linguísticos em desacordo com essa norma são considerados “erros” e devem ser evitados e corrigidos.
- c) Gramática de uso - o aluno é levado a utilizar recursos e regras da língua nas diferentes variedades linguísticas, inclusive a culta. São realizadas atividades de produção e de compreensão textual, exercícios estruturais (ex: transformação da voz ativa para passiva, substituição de nomes por pronomes, junção de frases através de elementos conectivos, ampliação de frases, etc.), de vocabulário (ex: processos de formação de palavras, campos semânticos, sinônimos, antônimos, homônimos, hiperônimos, hipônimos etc.), de variedades linguísticas.
- d) Gramática reflexiva – privilegia-se os efeitos de sentido dos elementos/ fatos linguísticos. O aluno é levado a entender e explicar as escolhas do falante/ produtor do texto. Não se enfatiza a metalinguagem, mas esta pode ser utilizada. Essa abordagem identifica-se com a “análise linguística” proposta nos PCN de Língua Portuguesa (1988)

Diante do que foi apresentado sobre as formas nas quais a gramática é desenvolvida em sala de aula, bem como a sua abordagem no ensino, se torna claro que as práticas propostas pela análise linguística devem ser trabalhadas de modo constante com os alunos, pois essas práticas proporcionam, inclusive, uma diluição nos conteúdos gramaticais para que estes possam ser estudados de modo contextualizado nas aulas de Língua Portuguesa. Assim, Travaglia (2003) diz que:

Nossa sugestão é que o ensino teórico, que muito comumente predomina nas aulas de Português, deve ceder espaço para os outros tipos de atividade, ocupando um mínimo do tempo disponível. Quando se trabalha com o ensino teórico, sugerimos que ele deve ter objetivos, tais como: a) facilitar, no ensino, a referência a elementos da língua, mas não deve ser cobrado dos alunos, sobretudo no Ensino

Fundamental e em especial em suas séries iniciais (1ª a 4ª); portanto, ser um instrumento de mediação e não um fim em si; b) ser objeto de uma cultura científica necessária na vida moderna; c) ser usado como um instrumento para ensinar a pensar (objetivo geral da educação e não um objetivo de ensino de língua) (TRAVAGLIA, 2003, p.60).

Conforme foi abordado por Travaglia (2003), as mudanças no ensino de gramática devem ocorrer, no primeiro momento, de maneira equilibrada quanto a distribuição do tempo para cada módulo gramatical, e em segundo o estudioso alerta a importância dos objetivos que tem de ser estudados e condizentes com a realidade dos alunos. Afinal, para os resultados da análise linguística se tornarem efetivos, faz-se necessário que as atividades práticas se realizem dentro da realidade social discursiva dos alunos. Abaixo, segue o quadro que clarifica como é o ensino da gramática tradicional e como ele pode ter perspectivas reflexivas quando é utilizada a prática da análise linguística.

QUADRO 1: Diferenças entre ensino de gramática e análise linguística

Ensino de gramática	Prática de análise linguística
Concepção de língua como sistema, estrutura inflexível e invariável.	Concepção de língua como ação interlocutiva situada, sujeita às interferências dos falantes.
Fragmentação entre os eixos de ensino: as aulas de gramática não se relacionam necessariamente com as de leitura e de produção textual.	Integração entre os eixos de ensino: a AL é ferramenta para a leitura e a produção de textos.
Metodologia transmissiva, baseada na exposição dedutiva (do geral para o particular, isto é, das regras para o exemplo) + treinamento.	Metodologia reflexiva, baseada na indução (observação dos casos particulares para a conclusão das regularidades/regras).
Privilegio das habilidades metalinguísticas.	Trabalho paralelo com habilidades metalinguísticas e epilinguísticas.
Ênfase nos conteúdos gramaticais como objetos de ensino, abordando isoladamente e em sequência mais ou menos fixa.	Ênfase nos usos como objetos de ensino (habilidades de leitura e escrita), que remetem a vários outros objetos de ensino (estruturais, textuais, discursivos, normativos), apresentados e retomados sempre que necessário.
Centralidade na norma padrão.	Centralidade dos efeitos de sentido.
Ausência de relação com as especificidades	Fusão com o trabalho com os gêneros, na

dos gêneros, uma vez que a análise é mais de cunho estrutural e, quando normativa, desconsidera o funcionamento desses gêneros nos contextos de interação verbal.	medida em que contempla justamente a intersecção das condições de produção dos textos e as escolhas linguísticas.
Unidades privilegiadas: a palavra, a frase e o período.	Unidade privilegiada: o texto.
Preferência pelos exercícios estruturais, de Identificação e classificação de unidades/funções morfosintáticas e correção.	Preferência por questões abertas e atividades de pesquisa, que exigem comparação e reflexão sobre adequação e efeitos de sentido.

Fonte: MENDONÇA, 2006, p. 207

Conforme foi abordado no quadro acima, as práticas de análise linguística apresentam um desenvolvimento no modo da abordagem de ensino de Língua Portuguesa, visando estimular a capacidade de análise do aluno, por meio da valorização dos elementos linguísticos textuais discursivos. Nessa direção, Antunes (2007) defende que língua e gramática não correspondem ao mesmo fenômeno. A língua, como uma atividade que possibilita a interação e é orientada para garantir a comunicação social. Supõe outros componentes além da gramática, e seu uso está sujeito a diferentes tipos de regras e normas, tais como regra de textualização e normas sociais de atuação. Para Antunes (2007), ao se considerar que língua e gramática não se equivalem, o ensino de línguas precisa dar conta de questões relativas ao léxico, aos textos e as condições sociais da produção e da circulação desses textos.

4. METODOLOGIA

A partir da experiência de estágio em uma escola de rede pública, na cidade de Lavras-MG, utilizou-se para a análise dois livros de Língua Portuguesa do PNLD⁴, destinados ao 8º ano. O primeiro exemplar foi Para Viver Juntos dos autores Ana Elisa Arruda Penteado, Eliane Gouvêa Lousada, Greta Marchetti, Heidi Strecker e Maria

⁴ O Programa Nacional do Livro e do Material Didático (PNLD) é destinado a avaliar e a disponibilizar obras didáticas, pedagógicas e literárias, entre outros materiais de apoio à prática educativa, de forma sistemática, regular e gratuita, às escolas públicas de educação básica das redes federal, estaduais, municipais e distrital e também às instituições de educação infantil comunitárias, confessionais ou filantrópicas sem fins lucrativos e conveniadas com o Poder Público. Fonte: MEC

Virgínia Scopacasa, ano 2012 - 3º edição, no qual foi analisado dois exercícios apontando o trabalho sob a perspectiva da GT. O segundo exemplar, por sua vez, é o livro Português Linguagens, de Willian Cereja e Thereza Cochar, ano 2015, 9º edição, no qual foi analisado três exercícios relativos à unidade 4, que se configura sob a abordagem de leitura, compreensão e interpretação de textos, e o uso das conjunções, com foco nas conjunções coordenativas, que nos exercícios se apresentam sob o viés reflexivo da língua.

5. ANÁLISE DE LIVROS DIDÁTICOS

O livro didático teve o seu espaço expandido a partir do surgimento das escolas, e após passar por adaptações e planos diversos, houve a criação do Plano Nacional do Livro Didático (PNLD) em meados da década de 80. Assim, o governo assumiu a compra e a distribuição do livro didático visando fornecer, de modo politizado, uma fonte de conhecimento para professores, alunos e demais membros da comunidade escolar. Para isso, o governo apoiou-se nos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN) e posteriormente na Base Nacional Comum Curricular (BNCC), que têm como finalidade ampliar e aprofundar os conhecimentos desenvolvidos na educação brasileira, trazendo uma proposta de apoio e de referência para escolas e para os professores de todo país. Após essa abordagem histórica e social sobre o livro didático, será analisado, a partir do parágrafo seguinte, o conteúdo de dois exemplares didáticos e as suas respectivas abordagens no ensino de Língua Portuguesa.

No livro “Para viver juntos”, os conhecimentos linguísticos do livro são abordados nas seções de “Reflexão Linguística” com uma introdução e um conceito gramatical a partir de situações que suscitam reflexões. Na seção seguinte, há uma continuidade do conteúdo estudado que é a “Reflexão Linguística na Prática” que tem o intuito, segundo os autores, de trazer atividades de gramática apoiadas em textos variados.

No livro são trabalhados os conceitos de sujeito simples, composto, desinencial e indeterminado, verbo transitivo, intransitivo, verbo de ligação, predicativo do sujeito, adjunto adverbial e adnominal, predicativo do objeto e do sujeito. Em sua maioria a introdução a estes temas é realizada a partir de textos de gêneros textuais como por exemplo poema, charge, reportagem e notícia. Além disso, o livro traz ao final de cada capítulo uma síntese dos tópicos que foram exibidos.

Ao realizar uma breve observação dos temas abordados, foi possível perceber que o contexto sintático presente no exemplar foi edificado nos conceitos da gramática tradicional (G.T.) e, portanto, há o engessamento conceitual que restringe a amplitude da análise estrutural das sentenças. Como exemplo, observa-se a imagem abaixo:

Figura 1 - Sujeito indeterminado

Leia este trecho.

— Marco, houve um roubo lá na cidade, numa loja da praça, durante a noite.
— E o que há de extraordinário nisso?
— É que foi numa loja de fotografias. Não roubaram dinheiro nenhum, mas levaram todos os negativos.

Stella Carr. *O caso da estranha fotografia*. São Paulo: Moderna, 2003. p. 20.

Pelo contexto, não é possível identificar quem praticou as ações de *não roubar dinheiro nenhum* e de *levar todos os negativos*. Quando se desconhece quem praticou a ação verbal ou não se tem a intenção de mencioná-lo, dizemos que o sujeito é **indeterminado**.

Fonte: Livro “Para viver juntos”

Ao observar o trecho que foi retirado do livro em questão, pode-se dizer que a GT considera o sujeito da oração como indeterminado. Porém, estudos linguísticos recentes apontam que esse conceito não se sustenta, pois o fato de o sujeito não estar anterior ao verbo conforme a estrutura sintática S-V-O, não implica que ele não exista, tanto é que o sujeito aparece flexionado no verbo (Roubaram). Ou seja, ele é determinado pela sentença. Portanto, neste livro, a abordagem referente aos conhecimentos linguísticos está pautada em uma concepção de gramática teórica e normativa, em que o foco é a utilização de uma nomenclatura de elementos linguísticos. Trata-se, portanto, de um ensino descritivo e prescritivo sobre a língua e o texto torna-se um pretexto para tal ensino, uma vez que não se prioriza a reflexão e o uso dos recursos linguísticos.

Figura 2 - Verbos

REFLEXÃO
LINGUÍSTICA

Revisão: o verbo e seus complementos

1 Leia a tira.



Dik Browne. O melhor de Hagar, o Horrível. Porto Alegre: L&PM, 2006. v. 1. p. 56.

- Que características os meninos *vikings*, em geral, parecem ter, de acordo com a menina?
- Qual a função do verbo *ser* nos dois primeiros quadrinhos?
- Observe o verbo *gostar*. Que palavras completam o seu sentido?

Os verbos têm funções diferentes dentro das orações. Em algumas situações, eles ligam a característica ao sujeito. Em outras, eles expressam ações e podem precisar de complemento ou não. Na tirinha, o verbo *ser* é um verbo de ligação e o verbo *gostar*, transitivo.

Fonte: Livro “Para viver juntos”

Ao observar a figura acima nota-se que os complementos verbais são analisados somente na perspectiva tradicional que é a do objeto direto e indireto. Entretanto, a análise se tornaria mais completa e coesa se houvesse um olhar para os papéis temáticos presentes na oração, bem como para a importância dos complementos verbais que são os complementos circunstancial e o relativo que aparecem na forma de SNs e SP e se comportam conforme a exigência argumental, podendo essa ter até três argumentos conforme a estrutura: SN-V-SN-SP.

Neste livro, a abordagem referente aos conhecimentos linguísticos está pautada em uma concepção de gramática teórica e normativa, em que o foco é a utilização de uma nomenclatura de elementos linguísticos. Trata-se, portanto, de um ensino descritivo e prescritivo sobre a língua e o texto torna-se um pretexto para tal ensino, uma vez que não se prioriza a reflexão e o uso dos recursos linguísticos.

Na obra *Português Linguagens*, os conhecimentos linguísticos são explorados na “seção” a língua em foco e referem-se ao estudo da sintaxe e as classes gramaticais. Em relação a sintaxe são trabalhados o período simples e o período composto. No que diz respeito as classes gramaticais o ponto central é o uso das conjunções.

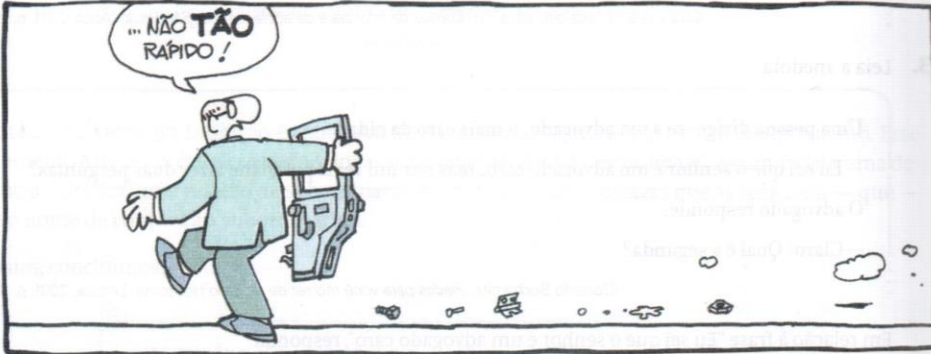
Em relação ao trabalho com as conjunções, o livro didático analisado apresenta um poema, de Marina Colasanti para que o aluno possa compreender que as conjunções são palavras que ligam orações e termos semelhantes da mesma oração. Em seguida, os autores apresentam o conceito de conjunção e a classificação das conjunções coordenativas, tal como ensina a Gramática Normativa Tradicional. Neste capítulo os

exercícios propostos estão expressos nos seguintes gêneros textuais: cartum, tirinha e anúncio publicitário. Observa-se a figura abaixo:

Figura 3 - Conjunção

EXERCÍCIOS

1. Leia este cartum, de Laerte:



(Classificados. São Paulo: Devir, 2002.v. 2, p. 15.)

a) Supondo que o homem que segura uma porta de carro seja o passageiro de um táxi, levante hipóteses: Qual foi a ordem que ele deu ao taxista?

b) Qual conjunção fica subentendida na fala do passageiro mostrada no cartum? Que relação essa conjunção estabelece com a possível fala anterior dele?

Fonte: Livro “Português Linguagens”

No primeiro momento, vale ressaltar que os alunos precisam acessar os seus conhecimentos de mundo e os interacionais, na sequência há também a necessidade do aluno de conhecer a estrutura textual do gênero cartum, no qual deve ocorrer uma associação entre linguagem verbal e não verbal. Neste exercício, é interessante destacar que espera-se que o aluno levante hipóteses sobre a interação entre o passageiro e o taxista, bem como o possível diálogo entre eles, a fim de compreender a conjunção que seria empregada. Tal proposta configura-se como atividade de análise linguística por desenvolver uma reflexão sobre a conjunção na formação de enunciados em uma situação comunicativa. E nesta atividade, a abordagem referente aos conhecimentos linguísticos está pautada na gramática reflexiva, no qual privilegia-se os efeitos de sentido dos elementos/ fatos linguísticos. Assim, o aluno é levado a entender e explicar as escolhas do falante/ produtor do texto, e não se enfatiza a metalinguagem. Desse modo, o ensino produtivo é que prevalece nessa atividade, que procura desenvolver as habilidades linguísticas aumentando o conhecimento do aluno sobre os usos dos recursos da sua língua, haja visto que há um trabalho com os conhecimentos linguísticos que o aluno possui.

Outra atividade que exemplifica a abordagem que diz respeito às conjunções está exemplificada a seguir:

Figura 4 - Cartum

5. Leia este cartum, de Laerte.



(Laerte. *Classificados*. São Paulo: Devir, 2004.v. 3, p. 59.)

De maneira humorística, o cartum chama a atenção para a importância de um ramo de estudos da ciência. As frases a seguir poderiam fazer parte de uma conversa sobre esse ramo da ciência. Estabeleça relações entre as orações de cada frase, empregando conjunções.

- a) Você tem que estudar Física; assim pode aprender a lidar com eletricidade.
- b) Ele não estudou Física; foi eletrocutado.

219

Fonte: Livro “Português Linguagens”

Neste cartum, os alunos terão de fazer análises que dialogam com os conhecimentos que eles têm sobre outra disciplina (física), para que posteriormente eles interpretem, de modo coerente, o balão de diálogo. Após a análise dos textos verbais e não verbais é solicitado ao aluno que ele preencha nas lacunas a conjunção adequada para que seja estabelecido a relações entre as orações. Nesta atividade, é fundamental que o aluno perceba que a conjunção possui a função de estabelecer a coesão textual. Embora a análise dessa figura exija que o aluno acesse o conhecimento de mundo dele, o momento do exercício é configurado na perspectiva da metalinguística. Assim, essa atividade se configura na gramática teórica, que utiliza-se nomenclatura própria da gramática descritiva, e ensina-se classificações de elementos linguísticos e suas regras de funcionamento, e o texto é usado, normalmente, apenas como “pretexto” para se

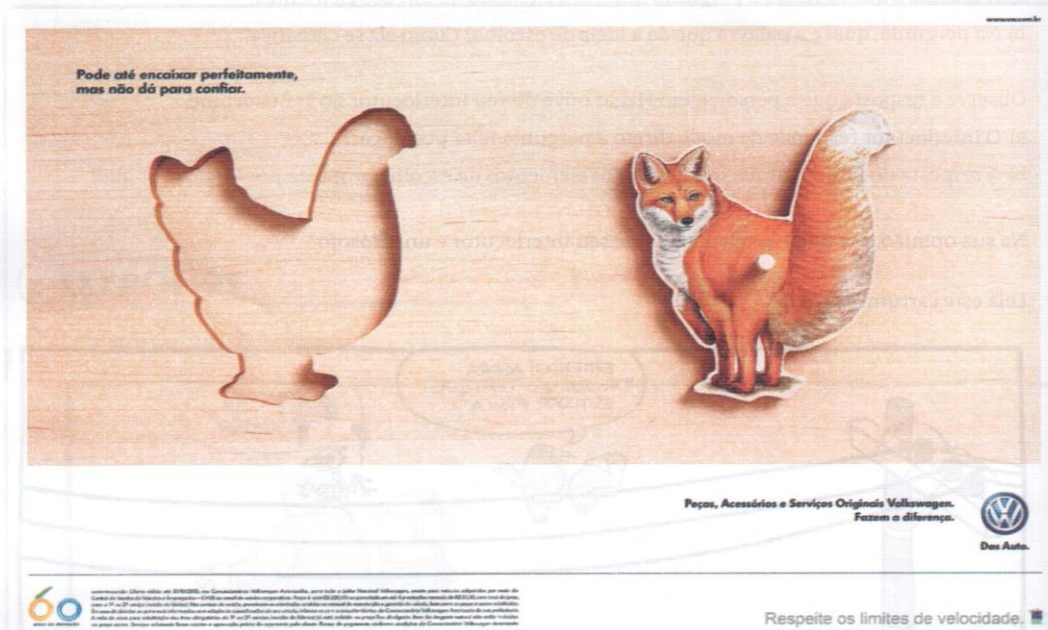
extraírem dele os elementos analisados. E o ensino abordado é o descritivo, que objetiva mostrar a estrutura e o funcionamento de uma língua, sua forma e função e concretiza-se no ensino de gramática descritiva, com a sua própria metalinguagem.

O livro analisado que é apresentado na seção “a conjunção na construção do texto”, traz para o aluno o gênero textual anúncio publicitário. Para que a análise do aluno ocorra de maneira adequada, espera-se que ele conheça a estrutura do gênero em questão, no qual é direcionada para o mercado, e por isso é composta de estratégias persuasivas que se apresentam por meio de recursos de linguagem verbais e não verbais. Apresenta-se a próxima atividade:

Fonte: Livro “Português Linguagens”

A CONJUNÇÃO NA CONSTRUÇÃO DO TEXTO

Leia o anúncio:



Pode até encaixar perfeitamente,
mas não dá para confiar.

Peças, Acessórios e Serviços Originais Volkswagen.
Fazem a diferença.
Das Auto.

Respeite os limites de velocidade.

(Disponível em: <http://www.ccsp.com.br/site/novo/41093/Raposa-OURO-PRESS-Cannes-2013>. Acesso em: 15/6/2014.)

1. Na linguagem visual do anúncio são apresentados um recorte para encaixe e uma figura de um animal recortada.
 - a) Qual é o animal sugerido pelo formato do recorte para encaixe? E o animal que se vê na figura recortada?
 - b) Tradicionalmente, que tipo de relação há entre os dois animais?

Fonte: Livro “Português Linguagens”

Figura 5 - Anúncio

2. Na parte inferior do anúncio, há a identificação do anunciante e o enunciado “Pode até encaixar perfeitamente, mas não dá para confiar”. O que o anúncio promove? Qual é a sua finalidade?
3. A linguagem verbal do anúncio é compatível com a linguagem visual, uma vez que ambas estabelecem o mesmo tipo de relação entre ideias. Em “Pode até encaixar perfeitamente, mas não dá para confiar”:
 - a) Qual é a conjunção responsável por essa relação?
 - b) Essa conjunção estabelece uma relação de que tipo: de adição, de conclusão ou de oposição?
4. Entre as orações de cada período a seguir, pode ser estabelecida relação de alternância, adição, explicação ou conclusão. Identifique qual é essa relação e indique a conjunção responsável por ela.
 - a) Encaixa perfeitamente; é confiável.
 - b) Tenha confiança, encaixa perfeitamente.
 - c) Não encaixa perfeitamente, dá para confiar.
 - d) Ou encaixa perfeitamente, não é confiável.

Fonte: Livro “Português Linguagens”

Na interpretação do texto é interessante que o aluno busque o conhecimento de mundo dele, como por exemplo, qual é papel, na natureza, da raposa e do galo que na cadeia alimentar, a raposa é o predador do galo. No momento dos exercícios, os alunos terão que conhecer os conceitos de anunciante e enunciado e seus respectivos papéis, uma vez que o foco é trabalhar questões relacionadas ao gênero, assunto e finalidade. Quanto aos conhecimentos linguísticos direcionados para os aspectos gramaticais, é fundamental que os alunos acessem o que eles têm sobre o uso de conjunções, e escolher as que se adequam nas lacunas, de modo que a o texto mantenha a coerência. No exercício de número 2, a perspectiva adotada é pautada na gramática reflexiva, no qual privilegia-se os efeitos de sentido dos elementos/ fatos linguísticos. Assim, o aluno é levado a entender e a explicar as escolhas do falante/ produtor do texto, e não se enfatiza a metalinguagem. Desse modo, o ensino produtivo é que prevalece nessa questão, que procura desenvolver as habilidades linguísticas aumentando o conhecimento do aluno sobre os usos dos recursos da sua língua, haja visto que há um trabalho com os conhecimentos linguísticos que o aluno possui. Enquanto que no exercício 3, não há proposta para que o aluno reflita sobre o efeito de sentido pelo emprego de determinada conjunção, apenas o uso da conjunção em frases não contextualizadas, que se configura na gramática de uso, em que o aluno é levado a

utilizar recursos e regras da língua nas diferentes variedades linguísticas, inclusive a culta. São realizadas atividades de produção e de compreensão textual, exercícios estruturais.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir do que foi discutido e analisado neste trabalho, torna-se possível compreender a importância da prática de análise linguística no ensino de Língua Portuguesa, mais especificamente no campo da gramática, que é uma área fundamental para o funcionamento do sistema linguístico. Geraldi, ao propor as práticas de análise linguística no ensino, ao final do século passado, enxergava a necessidade de introduzir a AL, visto que o ensino de gramática era pautado, exclusivamente sob a ótica da gramática tradicional. Mais de vinte anos após a percepção do estudioso, ainda se encontra o ensino obsoleto na área em questão. Conforme pôde ser observado em algumas análises do livro didático, em que há a abordagem da G.T., desprezando assim, o contexto que abrange o gênero tirinha dentre outras coisas, conforme é ilustrado na figura 2. Apesar da perspectiva tradicional ser adotada nas duas figuras do primeiro livro analisado, apontando o uso do ensino prescritivo e descritivo, no qual é desenvolvido a abordagem da gramática teórica, normativa e descritiva, o segundo livro se configura, nos exercícios analisados sob a perspectiva do ensino produtivo e da gramática reflexiva que são propostos pela análise linguística.

É relevante dizer que a proposta da análise linguística é dialogar com os recursos e com os elementos linguísticos disponibilizados pela Língua, inclusive os gramaticas. Assim, o que a AL oferece é um caminho que possibilita o desenvolvimento e a compressão do aprendiz durante as atividades, para que essas não se tornem mecanizadas, automatizadas. Sobre isso, os documentos oficiais apresentam propostas que vão de encontro as intenções da análise linguística, entre elas a formação no desenvolvimento da capacidade de aprender, tendo como meios básicos o pleno domínio da leitura, da escrita a aquisição de conhecimentos, habilidades, e a formação de valores como instrumentos para uma visão crítica do mundo. Isto posto, torna se relevante dizer que o ensino engloba toda forma de conhecimento, do professor, ao aluno, ao livro didático, aos documentos oficiais, até e as práticas utilizadas. Assim, o ensino de qualidade se constrói quando toda as partes aqui citadas trabalhem de modo harmonioso, para que dessa forma, as marcas deixadas sejam a vontade de aprender e de buscar conhecimento, pois esses nunca devem cessar.

7. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANTUNES, I **Muito além da gramática**: por um ensino línguas sem pedras no caminho. – São Paulo: Parábola Editorial, 2007

BRASIL. **Base Nacional Comum Curricular**: Educação Infantil e Ensino Fundamental. Brasília: MEC/Secretaria de Educação Básica, 2017.

BRASIL. **Base Nacional Comum Curricular**: Ensino Médio. Brasília: MEC/Secretaria de Educação Básica, 2018.

BRASIL. Ministério da Educação. **Parâmetros Curriculares Nacionais**: ensino médio. Brasília: MEC, 2000.

_____. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais**: primeiro e segundo ciclos do ensino fundamental: Língua Portuguesa. Secretaria de Educação Fundamental. Brasília: MEC/SEF, 1998.

_____. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais**: terceiro e quarto ciclos do ensino fundamental: Língua Portuguesa. Secretaria de Educação Fundamental. Brasília: MEC/SEF, 1998.

CEREJA, W. R.; COCHAR, T. **Português linguagens**. – São Paulo: Saraiva, 2015.

MENDONÇA, M. Análise linguística no ensino médio: um novo olhar, um outro objeto. In: **Português no ensino médio e formação do professor**. – São Paulo: Parábola Editorial, 2006.

OLIVEIRA, L.A. **Coisas que todo professor de português deve saber**: a teoria na prática. – São Paulo: Parábola Editorial, 2010.

TEIXEIRA, Claudia de Souza. ENSINO DE GRAMÁTICA E ANÁLISE LINGUÍSTICA. **Revista Ecos**, Mato Grosso, v. 11, n. 2, p.163-173, dez. 2011. Disponível

em: <http://www.unemat.br/revistas/ecos/docs/v_11/163_Pag_Revista_Ecos_V-11_N-02_A-2011.pdf>. Acesso em: 16 nov. 2019.